

INTÉRPRETES ATUAIS DO BRASIL

Visualize a seguinte situação:

Será construído um hospital público na zona mais carente de uma capital para atender a população dessa cidade e da região metropolitana.

A fonte dos recursos será estadual e federal. O orçamento para a construção da estrutura necessária ficou em R\$ 2 bilhões.

Fontes das imagens:
1. Photo de Irwan iwe, disponível em: https://unsplash.com/photos/rbDE93-0hHs?utm_source=unsplash&utm_medium=referral&utm_content=creditShareLink. Distribuída gratuitamente.
2. Foto de Beto Chagas, disponível em: <https://br.depositphotos.com/25702097/stock-photo-business-man-showing-you-brazilian.html>. Imagem licenciada.



É contratada uma empresa muito influente em vários grupos políticos. O valor do contrato para a referida construção é fechado em R\$ 8 bilhões.



O governador e vários deputados receberam propinas para viabilizar o superfaturamento impune do contrato. Foi investido R\$ 1,5 bilhão na construção e a estrutura ficou aquém do necessário para atender a população.



QUESTÕES PERTINENTES

- A) Quem foi lesado por esse crime?
- B) Quem deve ser responsabilizado por ele?
- C) Essa situação poderia ser evitada? Como?
- D) Como essa ocorrência –tão comum no Brasil –pode ser explicada, considerando o que propõem os “intérpretes do Brasil” estudados anteriormente?
- E) Na sua opinião, quem é o maior vilão dessa história?

JESSÉ DE SOUZA



Jessé Souza é graduado em Direito, mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) e doutor em Sociologia pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Além disso, fez

pós-doutorado em Psicanálise e Filosofia na The New School of Social Research, em Nova York. É autor de mais de 20 livros e de artigos e ensaios em vários idiomas.

“A crise brasileira atual é também, e antes de tudo, uma crise de ideias”.

O livro de **Sérgio Buarque de Holanda** [Raízes do Brasil] é, ainda hoje, a leitura dominante do Brasil [...]. É a influência continuada dessa leitura na cabeça das pessoas que nos faz de tolos.

A tradição inaugurada por Sérgio Buarque e arrasadoramente influente até hoje não percebe a ação das classes sociais, daí que



tenha **criado o 'brasileiro genérico', o homem cordial, ou o homem do 'jeitinho brasileiro'** para um Da Matta.

O **conflito entre as classes também é distorcido e tornado irreconhecível**, sendo substituído por um **falso conflito entre Estado corrupto e patrimonial e mercado virtuoso**.

É por conta dessa inércia provocada pela força de concepções passadas que **pensamos os problemas brasileiros sob a chave do patrimonialismo e do populismo**, dois espantalhos criados para tornar possível a aliança antipopular que caracteriza o Brasil moderno desde 1930.

Para Jessé Souza, a leitura do Brasil proposta pelos intérpretes clássicos leva a uma demonização do Estado e a uma sacralização do Mercado. O primeiro é a maior expressão do vício, e o segundo, a expressão da virtude.

Isso se deve, a meu ver, à carga de **prestígio associada à noção de patrimonialismo como a pseudo explicação** mais importante para tudo o que acontece na sociedade brasileira. **A noção de populismo**, também muito importante para **legitimar o ódio e o desprezo aos pobres**, é uma noção auxiliar.

Essas ideias do **Estado e da política corrupta** servem para que se repassem, a baixo custo, empresas estatais e nossas riquezas do subsolo para nacionais e estrangeiros que se apropriam privadamente da riqueza que deveria ser de todos. Essa é a **corrupção real**.

Uma corrupção legitimada e tornada invisível por uma leitura distorcida e superficial de como a sociedade e seus mecanismos de poder funcionam. A construção de uma elite todo-poderosa que habitaria o Estado só existe, na realidade, para que não vejamos a elite real, que está fora do Estado, ainda que sua captura [a da política] seja fundamental para seus fins. É uma ideia que nos imbeciliza, já que desloca e distorce toda a origem do poder real. Nesse esquema, se fizermos uma analogia com o narcotráfico, os políticos são os ‘aviõezinhos’ do esquema e ficam com as sobras do saque realizado na riqueza social de todos em proveito de uma meia dúzia.

Para o autor, então, uma leitura sociológica devida da realidade brasileira segue alguns critérios:

1. Considera a escravidão, que gera o racismo e uma situação de privilégio à elite, como a semente de toda a nossa sociabilidade.
2. Reconhece o racismo presente nas políticas e nas práticas da elite e da classe média, que buscam manter seus privilégios e reagem a quaisquer tentativas do Estado de incluir os marginalizados no estado de bem estar social.
3. Foge à tentação de abraçar as explicações errôneas sobre nossos problemas sociais, que criam o espantinho do Estado e da política enquanto ocultam os verdadeiros antagonistas do nosso cenário.
4. Busca saídas do ciclo recorrente de exclusões sociais e golpes de Estado, reconhecendo nossas reais mazelas como alvo de ações sociais e políticas

https://www.youtube.com/watch?v=KOd0KWI7meY&feature=emb_title

